



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 4 de agosto de 2021

[Multimídia]

Catequese sobre a Carta aos Gálatas - 3. O Evangelho é um só

Irmãos e irmãs, bom dia!

Quando se trata do Evangelho e da missão de evangelizar, Paulo entusiasma-se, deixa-se arrebatado. Parece não ver nada além desta missão que o Senhor lhe confiou. Tudo nele é dedicado a este anúncio, e ele não tem outro interesse a não ser o Evangelho. É o amor de Paulo, o interesse de Paulo, o ofício de Paulo: anunciar. Chega a ponto de dizer: «Cristo não me enviou a batizar, mas a pregar o Evangelho» (1 Cor 1, 17). Paulo interpreta toda a sua existência como uma chamada a evangelizar, a fazer conhecer a mensagem de Cristo, a fazer conhecer o Evangelho: «Ai de mim – diz – se não evangelizar» (1 Cor 9, 16). E escrevendo aos cristãos de Roma, apresenta-se simplesmente assim: «Paulo, servo de Jesus Cristo, Apóstolo por vocação, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (Rm 1, 1). Esta é a sua vocação. Em síntese, a sua consciência é que foi “destinado” para levar o Evangelho a todos, e não pode fazer outra coisa senão dedicar-se com todas as suas forças a esta missão.

Portanto, compreende-se a tristeza, a desilusão e até a amarga ironia do Apóstolo em relação aos Gálatas, que aos seus olhos enveredam por um caminho errado, que os levará a um ponto de não retorno: erraram a estrada. O eixo em torno do qual tudo gira é *o Evangelho*. Paulo não pensa nos “quatro evangelhos”, como é espontâneo para nós. Com efeito, quando envia esta

Carta, nenhum dos quatro evangelhos tinha sido escrito. Para ele, o Evangelho é o que ele prega, isto chama-se o *querigma*, isto é o anúncio. E qual anúncio? Da morte e ressurreição de Jesus como fonte de salvação. Um Evangelho que se exprime com quatro verbos: «Cristo *morreu* pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; *foi sepultado*, e *ressuscitou* no terceiro dia, segundo as Escrituras; *apareceu* a Cefas» (1 Cor 15, 3-5). Este é o anúncio de Paulo, o anúncio que nos dá vida a todos. Este Evangelho é o cumprimento das promessas e a salvação oferecida a todos os homens. Quem o recebe reconcilia-se com Deus, é acolhido como um verdadeiro filho e recebe em herança a vida eterna.

Diante de um dom tão grande que foi dado aos Gálatas, o Apóstolo não consegue explicar porque eles pensam em aceitar outro “evangelho”, talvez mais sofisticado, mais intelectual, outro “evangelho”. Contudo, devemos notar que estes cristãos ainda não abandonaram o Evangelho anunciado por Paulo. O Apóstolo sabe que eles ainda estão a tempo de não dar um passo falso, mas admoesta-os com vigor, com muito vigor. O seu primeiro argumento aponta diretamente para o facto de que a pregação realizada pelos novos missionários – estes que pregam a novidade – não pode ser o Evangelho. Aliás, é um anúncio que distorce o verdadeiro Evangelho porque impede de alcançar a liberdade – uma palavra-chave – adquirida pela fé. Os Gálatas ainda são “principiantes” e a sua desorientação é compreensível. Ainda não conhecem a complexidade da Lei mosaica e o entusiasmo de abraçar a fé em Cristo leva-os a ouvir estes novos pregadores, iludindo-se de que a sua mensagem é complementar à de Paulo. E não é assim.

Contudo, o Apóstolo não pode arriscar que se criem compromissos num terreno tão decisivo. O Evangelho é um só e é aquele que ele anunciou; não pode haver outro. Atenção! Paulo não diz que o verdadeiro Evangelho é o seu, porque foi ele que o anunciou, não! Não o diz. Isto seria presunçoso, seria vanglória. Aliás, afirma que o “seu” Evangelho, o mesmo que os outros Apóstolos anunciavam noutros lugares, é o único autêntico, pois é o de Jesus Cristo. Assim escreve: «Faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo» (Gl 1, 11). Podemos compreender porque Paulo usa termos tão duros. Utiliza duas vezes a expressão “anátema”, que indica a exigência de manter afastado da comunidade aquilo que ameaça os seus fundamentos. E este novo “evangelho” ameaça os fundamentos da comunidade. Em suma, neste ponto, o Apóstolo não deixa espaço para a negociação: não se pode negociar. Com a verdade do Evangelho não se pode negociar. Ou recebes o Evangelho como é, como foi anunciado, ou recebes outra coisa. Mas o Evangelho não pode ser negociado. Não se transige: a fé em Jesus não é uma mercadoria a negociar: é salvação, é encontro, é redenção. Não se barateia.

Esta situação descrita no início da Carta parece paradoxal, pois todos os sujeitos em questão parecem ser animados por bons sentimentos. Os Gálatas que ouvem os novos missionários pensam que pela circuncisão serão ainda mais devotados à vontade de Deus e agradarão mais a Paulo. Os inimigos de Paulo parecem estar animados pela fidelidade à tradição, recebida dos

pais, e consideram que a fé genuína consiste em observar a Lei. Face a esta suprema fidelidade, justificam até as insinuações e suspeitas a respeito de Paulo, considerado pouco ortodoxo no que se refere à tradição. O próprio Apóstolo está bem consciente de que a sua missão é de natureza divina – foi revelada pelo próprio Cristo, a ele! – e, por isso, é movido por um entusiasmo total pela novidade do Evangelho, que é uma novidade radical, não é uma novidade passageira: não há evangelhos “na moda”, o Evangelho é sempre novo, é a novidade. A sua ansiedade pastoral leva-o a ser severo, porque vê o grande risco que os jovens cristãos enfrentam. Em síntese, é precioso desvencilhar-se neste labirinto de boas intenções para compreender a verdade suprema que se apresenta como a mais coerente com a Pessoa e a pregação de Jesus e com a sua revelação do amor do Pai. Isto é importante: saber discernir. Muitas vezes vimos na história, e vemos também hoje, algum movimento que prega o Evangelho com uma modalidade própria, às vezes com carismas verdadeiros, próprios; mas depois exagera e reduz todo o Evangelho ao “movimento”. E isto não é o Evangelho de Cristo: este é o Evangelho do fundador, da fundadora e este sim, poderá ajudar no início, mas no final não produz fruto pois não tem raízes profundas. Por isso, a palavra clara e decisiva de Paulo foi benéfica para os Gálatas e é salutar também para nós. O Evangelho é o dom de Cristo a nós, é Ele mesmo quem o revela. É isto que nos dá vida.

Saudações:

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa. Queridos irmãos e irmãs, ao retomarmos os nossos encontros semanais, hoje, memória de São João Maria Vianney, convidovos a rezar de maneira especial pelos vossos párocos e por todos os sacerdotes. Que eles, inspirados pelo exemplo do Santo Cura D'Ars, ofereçam suas vidas à missão de pregar o Evangelho da salvação. Deus vos abençoe.

Apelo

Um ano após a terrível explosão no porto de Beirute, capital do Líbano, que causou morte e destruição, o meu pensamento dirige-se àquele querido país, especialmente às vítimas, às suas famílias, aos muitos feridos e a quantos perderam a casa e o trabalho, e muitos perderam o entusiasmo de viver.

No [Dia de oração e reflexão pelo Líbano](#) a 1 de julho, juntamente com os líderes religiosos cristãos, acolhemos as aspirações e expectativas do povo libanês, cansado e desiludido, e invocamos a Deus luz de esperança para superar esta difícil crise. Hoje apelo também à comunidade internacional, pedindo que ajude o Líbano a percorrer um caminho de “ressurreição”, com gestos concretos, não só com palavras, mas com gestos concretos. Espero que a Conferência agora em curso, promovida pela França e pelas Nações Unidas, seja frutuosa.

Caros libaneses, o meu desejo de ir visitar-vos é grande e nunca me canso de rezar por vós, para que o Líbano se torne novamente uma mensagem de fraternidade, uma mensagem de paz para todo o Médio Oriente.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Dando continuidade às catequese sobre a Carta de São Paulo aos Gálatas, hoje vemos como para o Apóstolo anunciar o Evangelho era o único interesse que o motivava, tanto que chega a afirmar “Ai de mim se não evangelizar”. Por isso, enche-se de grande tristeza ao constatar que a jovem comunidade dos gálatas deixava-se enganar por pregadores que apresentavam um outro evangelho. De fato, é importante ter em conta que, quando fala de Evangelho, São Paulo não se refere a um escrito. Para Paulo, proclamar o Evangelho significa anunciar a morte e ressurreição de Cristo como fonte de salvação. É por essa razão que não pode deixar espaço para deturpação da mensagem: a fé em Cristo não pode ser negociada. Sabe, porém, que os fiéis da Galácia estavam movidos por bons sentimentos. Cheios de entusiasmo, acolheram a ideia de que era preciso observar a Lei de Moisés para salvar-se. O Apóstolo intervém com força e severidade, defendendo a única verdade do Evangelho que ele recebera por revelação direta de Cristo. Assim, a mensagem da salvação pôde chegar íntegra aos gálatas e a nós.
